

PREVENT
SENIOR

Jornalistas & Cia

Edição 1.307 - 12 a 19 de maio de 2021

XP inc.



120 GO GERDAU
O futuro se molda

Relações com Imprensa (11) 3094-6322
imprensa@gerdau.com.br
www.gerdau.com



vivo 



PRECIO
SIDADES
do Acervo
ASSIS
ÂNGELO

Faltam críticos nos jornais

Se eu fosse um voraz devorador de livros, o que não sou, diria que está faltando crítico em tudo quanto é jornal e revista.

Faltam críticos de teatro, cinema, dança, artes plásticas, música...

Crítico é uma gente que procura enxergar nas entrelinhas dos livros o que o leitor nem sempre vê. Não é fácil, mas assim é.

Os dois primeiros ases nessa área foram o sergipano Sílvio Romero (1851-1914) e o paraense José Veríssimo (1857-1916).

Romero era um crítico severo, exigente. Veríssimo deixou uma obra monumental.

Os dois foram grandes.

Houve momentos em que Romero girou sua metralhadora contra Veríssimo.

Os tiros não acertaram o alvo, que se defendeu também atirando.

Ao fim e ao cabo, o Brasil culto ganhou com a briga dos dois.

E assim é que tem que ser, entre intelectuais que têm o mesmo foco: o engrandecimento do intelecto.

Coelho, diante de Carvalho, é um gênio.

Declaradamente fã do jornalista Paulo Francis (1930-1997), Zurc escreve com leveza e um quê de graça.

Nos tempos de Sílvio Romero e José Veríssimo o que se lia nos jornais era poesia e romances continuados. Folhetins. Mas isso não impedia que os jornalistas daquele tempo escrevessem com firmeza e originalidade.

Eram os tempos do jornalismo literário. À propósito, João do Rio (1881-1921) deixou um livro específico sobre esse tema: *O Momento Literário*, publicado em 1909. Tempos aqueles em que escritores formavam opinião, como os jornalistas de hoje.

Eram jornalistas todos aqueles que escreviam em jornais.

José de Alencar (1829-1877) escreveu críticas e folhetins, como *O Guarany*. Obra-prima.

Machado de Assis seguia na mesma linha, publicando poemas, contos, crônicas, romances e críticas diversas.

E assim foi.

Pra falar do presente, é preciso saber do passado.

Por Assis Ângelo

E seguindo o movimento natural da vida, pessoas vão e pessoas vêm.

Romero e Veríssimo deixaram uma obra fabulosa, na qual se refestelam os novos aprendizes de feiticeiros como Darlan Zurc.

O historiador contemporâneo Zurc leva à praça o livro *A Fúria de Papéis Espalhados*.

Nele, faz um mergulho na história e nos entrega algumas reflexões.

A Fúria de Papéis Espalhados, título inspirado em Machado de Assis (1839-1908), reúne duas dúzias de textos bem escritos publicados esparsamente em pequenos periódicos do interior da Bahia e outros encontráveis em livre circulação nos corredores acadêmicos, outrora frequentados pelo autor.

Chama a atenção o destaque que Zurc dá a personagens do nosso meio literário, como Paulo Coelho e Olavo de Carvalho.

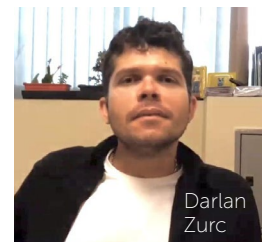
Já na virada do século XIX para o século XX, João do Rio ganhava notoriedade publicando críticas, crônicas, contos etc. O João referido foi o cara que inventou a reportagem. História.

É basililar a função de um crítico.

Darlan Zurc pode ser, quem sabe, uma luz no deserto da crítica literária nacional. Pra isso, porém, terá que direcionar seus olhos ao nosso cambaleante mercado editorial.

O livro *A Fúria de Papéis Espalhados* pode ser encontrado nas livrarias e no site do próprio escritor [Darlan Zurc](#).

Confira [entrevista](#) que fiz com ele recentemente.



Darlan Zurc

